

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS DE NATAL  
CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**ADRIANO WILLIAM MENDONÇA SILVA**

**O QUE DIZEM OS QUE CREEM? OS MOTIVOS DA  
CRENÇA RELIGIOSA DOS FIEIS DA IGREJA  
BETESDA DE NATAL**

NATAL/RN  
2015

ADRIANO WILLIAM MENDONÇA SILVA

O QUE DIZEM OS QUE CREEM? OS MOTIVOS DA  
CRENÇA RELIGIOSA DOS FIEIS DA IGREJA  
BETESDA DE NATAL

Monografia apresentada à  
Universidade do Estado do Rio Grande  
do Norte como um dos pré-requisitos  
de conclusão de curso.

Orientador: William de M. Virgínio

NATAL/RN  
2015

O QUE DIZEM OS QUE CREEM? OS MOTIVOS DA  
CRENÇA RELIGIOSA DOS FIEIS DA IGREJA  
BETESDA.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

WILLIAM DE MACÊDO VIRGÍNIO, M. Sc.  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

---

JOÃO MARIA PIRES, Dr.  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

---

MARILAC DE CASTRO SILVA, M. Sc.  
Membro Convidado

Dedico esse trabalho a todos que,  
direta ou indiretamente, contribuíram  
para minha formação acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial gostaria de destacar:

A Deus, meu bem maior.

Aos meus pais, Milton e Wilma, que tanto amo e a quem sou eternamente devedor pela pessoa que sou e por todas as minhas atuais conquistas. Meu eterno agradecimento.

A minha família de sangue, meus irmãos. Meu muito obrigado.

Ao meu sogro e minha sogra. Meu respeito e admiração.

Aos meus amigos, os quais me obrigo a não relacionar por medo de cometer a deselegância de alguma falta. Meu respeito a cada um deles. Valeu pelos inúmeros incentivos.

Aos meus pastores, que souberam me conduzir espiritualmente ao ponto de despertar em mim a importância da aprendizagem.

A minha comunidade de fé que tanto amo, que amavelmente entendeu minhas ausências. Amo vocês.

Aos meus mestres que me despertaram para a beleza do conhecimento.

Aos secretários do curso que sempre estiveram prontos para atender minhas solicitações.

Aos funcionários do campus/curso que deixaram suas marcas na preparação de nossas salas.

E por fim, e mais importante, agradeço a minha esposa Viviene e aos meus filhos, William e Rafael que são meus maiores incentivadores e que nesses anos de formação foram os pilares fundamentais para essa conquista. Meu eterno amor e gratidão.

“Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer um desses casos, eles provocam em nós uma reação; e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis. Pode ser até que seja mais forte”. (James, 1991)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho, sob o título: O QUE DIZEM OS QUE CREEM? OS MOTIVOS DA CRENÇA RELIGIOSA DOS FIEIS DA IGREJA BETESDA EM NATAL, é buscar compreender a crença religiosa e seus desdobramentos a partir das vozes dos fieis da Igreja Betesda em Natal. Nesta busca, foi necessário compreender o construto crença; a era secular intitulada modernidade; como a crença se posiciona nesta era; e por fim, às vozes dos fieis que vivem sua crença nesta era com suas experiências e ações externas decorrentes da fé no transcendente. Foram utilizados, para tal pesquisa, acervos bibliográficos e entrevistas de campo. Concluímos que a crença religiosa, por mais difícil que seja constatada a sua veracidade, a partir dos parâmetros exigidos pela modernidade, é de grande relevância para aquele que crê. Em seus relatos percebemos uma forte ênfase na questão moral e ética, transformação pessoal e relação social são expressões importantes para iniciar a busca compreensiva do tema proposto.

Palavras-Chaves: Crença, Modernidade, Experiência, Religião

## **ABSTRACT**

The objective of this work, under the title: WHAT DO YOU BELIEVE? THE BELIEF OF RELIGIOUS REASONS OF CHURCH IN CHRISTMAS faithful Bethesda, is seeking to understand religious belief and its consequences from the voices of the faithful of the Church in Bethesda Christmas. This search was necessary to understand the construct belief; was entitled to secular modernity; as the belief is positioned in this era; and finally, the voices of the faithful who live their faith in this era with their experiences and external actions arising from faith in the transcendent. Were used for such research, library collections and field interviews. We conclude that religious belief, however difficult that its accuracy is verified, from the parameters required by modernity, is of great importance to him who believes. In his reports noticed a strong emphasis on moral and ethical issue. Personal transformation and social relationships are important expressions to start comprehensive search of the proposed theme.

**KEY WORDS:** Belief, Modernity, Experience, Religion.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 Construto Crença Na Sua Diversidade.....</b>	<b>12</b>
<b>2 A Crença e a Modernidade .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 A Modernidade .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 A Crença Na Modernidade .....</b>	<b>24</b>
<b>3 A Comunidade Chamada Betesda .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Os Sujeitos da Pesquisa .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2 A Entrevista .....</b>	<b>32</b>
<b>4 O Que Dizem Os Que Creem .....</b>	<b>34</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>51</b>
<b>Referências .....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A crença religiosa é um tema amplamente discutido e seus fundamentos são considerados de difícil comprovação. Essa exigência nasce daqueles que entendem que algo, para se tornar verdadeiro, precisa de elementos suficientemente sólidos que justifiquem todo empreendimento nesta direção. Não é o caso do tema abordado. A crença, para aqueles que creem, não segue essas exigências por se tratar de uma questão subjetiva e que nasce a partir das experiências pessoais. Diante deste fato, não se pode medir a fé pelos parâmetros científicos.

Compreender essa relação é muito importante, principalmente numa era secular em que a veracidade dos fatos, a partir de elementos fundantes bem definidos, se torna um imperativo à aceitação daquilo que desejamos tornar verdadeiro.

Neste caminho convidamos teóricos para nos auxiliar na compreensão das diversas facetas que o tema nos propõe. James (1991), Smilde (2012), Gondim (2010), Hervieu-Léger (2008), Minois (2014), Taylor (2010), Comte-Sponville (2007), entre outros. Ouvir essas diversas vozes auxilia na compreensão do construto proposto.

Nosso alvo principal é entender os desdobramentos da crença para os que creem a partir da comunidade Betesda. Uma comunidade jovem da cidade do Natal, com apenas 19 anos e tem como pilar da sua existência, a ação social. Nosso objetivo é perceber as mudanças pessoais decorrentes da ação do crer e como a crença influencia nos seus cotidianos e no trato com terceiros.

O trabalho foi dividido da seguinte forma:

Primeiramente, foi preciso entender o construto *crença* na sua diversidade. Neste primeiro capítulo, abordamos a definição de crença e suas variáveis. A forma de crença está sujeita as mais diversas interpretações e aqui explicitamos de forma concisa essas variedades.

No segundo capítulo buscamos compreender, uma vez apreendido o conceito de crença, a relação da crença com a modernidade. Essa era se opõe ao objeto de estudo pelas fragilidades já mencionadas anteriormente e entender como se comportam aqueles que creem diante de uma revolução nos paradigmas existenciais é o nosso desafio.

No terceiro capítulo, apresentamos nosso espaço de pesquisa e seus agentes onde conheceremos um pouco da comunidade selecionada para pesquisar e quem são aqueles que compõem essa instituição. Também encontramos, neste espaço, a metodologia que aplicamos na busca de dados para compreensão daquilo que nos propomos a pesquisar.

No quarto capítulo, encontramos as vozes daqueles que dizem crer. Nelas buscamos, como alvo principal de nossa pesquisa, entender a crença e o papel que ela exerce na vida de cada um deles. Encontramos nas vozes, relatos de suas experiências com o transcendente e às ações oriundas como reação a esta relação subjetiva.

Fica evidenciado que a relação com o objeto da crença, no caso Deus, tem impacto direto tanto no indivíduo como naqueles que o cercam. No indivíduo constatamos que essa relação torna esse crente uma pessoa melhor, moral e eticamente falando. Um melhor marido, uma melhor esposa, um melhor filho, melhor cidadão, melhor empresário, um melhor funcionário, por exemplo, sendo essa transformação um resultado direto dos ensinamentos que acompanham o divino. Para se enquadrar nesta ou naquela crença, faz-se necessário ter diretrizes que o identifique como pertencente a tal divindade.

Por outro lado, na relação com terceiros percebe-se a busca por amparar, naquilo que se faz necessário, aquele que é desprovido de uma vida minimamente digna com os padrões que a sua crença estabelece. Um exemplo que nos ajuda a compreender essa relação é a forte atenção que os fieis da igreja Betesda demandam aos moradores de rua da cidade do Natal. Na visão da comunidade, por serem “imagem e semelhança” do Criador, os moradores de rua carecem ter sua vida restaurada a uma condição minimamente aceitável pelos parâmetros estabelecidos pela crença que professam.

Seguem, por fim, as considerações finais e as referências utilizadas no trabalho apresentado.

## 1 CONSTRUTO CRENÇA NA SUA DIVERSIDADE

Quando se fala sobre crença existe uma tendência em colocá-la num fundamento em que o objeto da crença não é real, não está presente. E isso é tido como uma fragilidade que a coloca em situação de severa crítica. Ao passo que a certeza, aqui como o oposto à crença, navega, exclusivamente, por fundamentos reais, concretos, presentes. Quando trazemos essa lógica para nos conduzir à reflexão, podemos perceber que a certeza, para ser em seu estado final pleno, passa pela crença. Um exemplo são as certezas científicas. Os elementos que as constituem em seu estado final nem sempre estão presentes no decurso da crença até o seu estado final, nem por isso deixam de ser rotuladas como certezas. Seguindo esse raciocínio, nos parece difícil fazer uma dicotomização dos conceitos abordados uma vez que ambas, a certeza e a crença, permanecem vivas por todo o processo. Segundo Brochard (2008, p.104) “a certeza é um caso particular da crença, uma espécie de crença”.

No embate dessas ideias sobre a solidez dos motivos de se crer, podemos perceber que ao perpassar pelo campo científico as afirmativas são fundamentais, uma exigência para solidificação das assertivas propostas. Aqui, não encontramos espaço para meio termo, apenas a exatidão das buscas ora elencadas. Diminui-se, nesta direção, a possibilidade de eliminar prazeres pessoais momentâneos que uma vez não gerenciado, venha deturpar as expectativas iniciais desta busca.

Por outro lado, não podemos deixar de expor o lado da crença que não está sujeita às leis matemáticas. A crença pela crença é um desejo de dar concretude às inquietações internas do homem e isso não pode lhe ser negado. O fato de não se crer com bases comprovadamente sólidas, ou seja, cientificamente comprovadas não nega a verdade nela contida. A verdade, própria desta crença, não cobra nada a não ser uma decisão pessoal em sua direção.

Com isso, entende-se que o tema *crença* produz material suficiente para uma reflexão mais profunda pelo fato de serem religião e sociedade objetos de estudos não excludentes em si. Numa possibilidade harmoniosa o conceito de

crença navega entre aquilo que chamamos de religioso e a moderna sociedade em sua construção social.

A crença, no recorte religioso, ao longo da história humana sempre esteve ligada e doutrinada por um grupo de indivíduos que revestidos de uma autoridade transcendente, atribuída por eles mesmos, visava (ou visa) orientar aos seus seguidores quais os melhores caminhos a serem trilhados. Isso estava ligado à condição do indivíduo *ser* em sociedade onde, a independência intelectual não encontrava “abrigo” na grande massa.

Com a chegada da modernidade a busca pela autonomia racional do ser humano, traz enormes alterações nas mais diversas questões, entre elas, a religiosa.

Nosso objeto de pesquisa é a religião e sua crença, em particular a Cristã Protestante local. Entender a crença em seu nascedouro e as possíveis variações até a presente data não é tarefa fácil, mas também, não se deve perder a oportunidade de adentrar neste campo de fértil interesse para os pesquisadores do tema.

O que é a crença? Como ela é compreendida na modernidade? Em que se difere no campo religioso? Existem motivos para se crer hoje? Essa crença responde a questões sociais uma vez que, vivemos em sociedade? Essas são questões levantadas para iniciar nossa reflexão sobre o tema abordado.

Entende-se que essa “espinha dorsal” é necessária pra uma melhor compreensão do objeto de pesquisa. Será que a forma de se crer hoje carrega consigo uma imagem, ainda que uma sombra da forma de se crer do passado? Que motivos, na existência de variações dessa crença, são esses para uma mudança que justifique um novo realinhamento com a era da autonomia intelectual?

Para esse debate, trazemos uma comunidade que ao longo de sua curta trajetória de vida entende que a contextualização é fundamental para os motivos da crença na modernidade. Segundo suas convicções, é possível evoluir juntamente com a história sem perder sua essência religiosa cristã. Neste trajeto, é importante ouvir uma expressão religiosa que entende que sua compreensão de ser não deve ser engessada num passado e, nem tão pouco, ser fluida a ponto de não se ter uma identidade. É de fundamental importância dar movimento a essa crença, trazê-la para a atualidade, entender os pais da

igreja, a crença cristã, extrair os seus princípios e aplicá-las de forma coerente no dia a dia de seus membros.

Viva ou morta, a relação de uma escolha está intimamente ligada entre o objeto da escolha e aquele que escolhe. Viva vai estar se, de alguma forma, existir uma aproximação com a escolha a ser feita e morta se essa aproximação for faltosa. Estamos falando de algo que nos leva a uma ação, a uma atitude e sair do estado passivo para o estado ativo é uma ação fundamental quando se aborda esse tema. Essa ação pode ser chamada de crença quando “adotada voluntariamente”. Segundo JAMES (2010, p.46)

O sentimento de realidade pode, de fato, ligar-se de maneira tão robusta ao nosso objeto de crença, que toda a nossa vida é polarizada de fio a pavio, por assim dizer, pelo sentido que damos à existência da coisa em que acreditamos, embora dificilmente possamos dizer que essa mesma coisa, para a finalidade de uma descrição definida, está presente na nossa mente.

Para ele, a condição de ser humano contempla espaço para acertos e erros. É um equívoco fugir dessa dualidade tão perceptível. Cabe tão somente assumir o dever, a caminho do conhecimento, de correr os riscos visando à verdade sem medo de cometer tais equívocos, pois “temos de saber a verdade; temos de evitar o erro” (JAMES, 2010, p.55).

Deve-se fugir da armadilha de se crer apenas com fundamentos sólidos. O homem tem o direito a crer naquilo que lhe apraz. “recuso obedecer à ordem do cientista para imitar o seu tipo de opção num caso em que o meu próprio interesse é suficientemente importante para me dar o direito de escolher a minha própria forma de risco.” (JAMES, 1896, p.60)

Acreditar é de direito do homem. Ainda que os riscos não sejam claros e esses sejam tentadores à nossa vontade. Basta que a hipótese esteja viva.

Ele ainda assevera que (ibidem, p.49)

A nossa crença na própria verdade, por exemplo, de que há uma verdade, e de que esta e as nossas mentes foram feitas uma para a outra — o que é senão uma afirmação apaixonada de desejo, em que o nosso sistema social nos apoia? Queremos ter uma verdade; queremos acreditar que as nossas experiências, estudos e discussões têm de nos colocar numa posição cada vez melhor em direção à verdade; e nesta linha concordamos resolver as nossas vidas pensantes. Mas se um céptico pirrónico nos perguntar como podemos saber tudo isto, poderá a nossa lógica dar-lhe uma resposta? Não! Certamente que não. Trata-se apenas de uma volição

contra outra — nós dispostos a avançar para uma vida com base numa confiança ou pressuposto que ele, por sua parte, não se preocupa em fazer.

Essa afirmação deixa claro que no processo de crença, a hipótese viva para aquele que crê pode gerar benefícios significativos. Para exemplificar, vamos imaginar uma pessoa que se encontra enferma e que crê que Deus pode curá-la. Com sua crença, sua vontade de acreditar é tão legítima que pode ocorrer em seu corpo uma reação que venha estimulá-lo a um processo de cura. E se não ocorrer, nada tem a perder. Neste caso, fica claro o lado positivo da crença segundo James frente àqueles que não se permitem a essa possibilidade. Qualquer hipótese que seja positiva e não venha trazer dano àquele que crer, afirma James, não existe mal algum em trilhar por esse caminho.

A crença sempre leva a uma ação prática e essa ação, na maioria das vezes, é uma ação positiva. James não leva em consideração, a priori, a racionalidade, ainda que entenda a necessidade de uma coerência, a busca pela verdade se encontra entre a teoria e o fato, mas se essa crença leva a um estado melhor, ela já se autojustifica. Portanto James considera justa a verdade que atende o crente na sua necessidade diária, que o beneficia de alguma forma e que o faz se movimentar pela vida por ela escolhida. "Verdadeiro é o nome do que quer que prove ser bom no sentido da crença, e bom, também, por razões fundamentadas e definitivas" (JAMES, 1979. p. 28).

No contraponto do tema, Clifford (2010, p.135) acredita que crer requer evidências comprovadas para se eliminar toda e qualquer possibilidade e equívocos. Para Ele, não basta eliminar as dúvidas, racionalmente falando, deve-se buscar elementos externos a sua consciência para que as atitudes decorrentes da ação de sua crença não fiquem na história marcadas por fragilidades trazendo consigo desdobramentos danosos pós-ação como resultado do ato de crer. O cuidado requer a eliminação das paixões e preconceitos. Sem essa preocupação o crer se torna frágil, para não dizer, dispensável, uma vez que, de acordo com CLIFFORD (2010, p.136):

Ela [a crença] é profanada quando oferecida a afirmações não comprovadas e não questionadas, apenas para o consolo e prazer pessoal de quem crê, para prover de um falso esplendor a trajetória

comum de nossas vidas e para exibir uma miragem luminosa para além delas.

Por ser gerador de ações e essas ações estarem em movimento no meio de terceiros, o cuidado em se buscar sua veracidade deve gerar naquele que crê uma atenção redobrada para tal comprovação. “Pois, não é possível separar a crença e a ação por ela produzida de uma forma que se condene a segunda [ação], sem se condenar à primeira [crença].” (2010, p.135)

Ainda segundo CLIFFORD (2010, p.135)

a existência de uma crença que não seja fundada numa investigação justa torna o homem incapaz de cumprir o dever necessário. Nenhuma crença, por mais banal e fragmentária que possa parecer, é realmente insignificante; ela nos prepara para receber mais crenças assemelhadas, confirma aquelas a que antes se assemelhava, e enfraquece outras; e, assim, estabelece uma tendência furtiva nos nossos pensamentos, que algum dia podem, como uma explosão, manifestar-se em ações visíveis, e para sempre deixar seu selo sobre nosso caráter.

Por termos a capacidade de assimilar e reprogramar nossa forma de pensar, precisamos ter a coragem de colocar diante de nós as possibilidades que são geradas a partir das dúvidas que surgem com a investigação. Isso deve revestir o homem que busca crer, o direito de questionar tudo em busca de aparar as arestas das possíveis incertezas da fé. “Não há simplicidade de intelecto ou obscuridade de condição que possa servir como pretexto para que alguém possa se evadir ao dever universal de questionar tudo aquilo em que cremos”. (CLIFFORD, 2010, p.136).

A questão central da legitimidade da crença se encontra na fundamentação, sem espaços para incertezas, plena da fé, pois “(...) um mal ainda maior e mais amplo se manifesta quando uma atitude crédula é mantida e apoiada, quando o hábito de crer por razões indignas é fomentado e tornado permanente.” (CLIFFORD, ibidem, p.137)

Essa possibilidade é tratada como um componente moral pois, é imoral alguém escolher sem evidências bem definidas. Nesta visão, ele impõe àquele que crê uma exigência que venha retirar toda e qualquer sombra em sua escolha, aquele que escolhe tem um dever epistêmico.



Por outro lado, PLANTINGA (2010, p.64) nos diz que a crença pode ser básica quando essa não requer nenhuma outra proposição. Acredito em algo não porque tenho elementos que me dão sustentabilidade para crer, mas porque os homens são livres, intelectualmente, para crer como creem.

Essa liberdade gera experiências que são os próprios fundamentos da crença em si. “Podemos dizer que esta experiência, juntamente, talvez com outras circunstâncias, é o que me dá justificação para adotá-la; este é o fundamento da minha justificação, e, por extensão, o fundamento da própria crença” (PLANTINGA, 2010 p. 68)

Para ele, a crença em Deus não deve ser desprezada pelos rótulos impostos tais como irracional, de baixo padrão ou até mesmo não razoável. O que se pode aceitar é colocá-la num patamar de racional não garantida. Uma vez que a garantia exigida seja a garantia da verdade assim, deve ser aceita pela falta de argumentos sólidos que comprovem sua falsidade.

Outro olhar do construto abordado é a utilização da oralidade terceirizada. Por existir um “abismo” temporal entre o que crê e a crença em si a fé no outro, nas palavras do outro é utilizada sem questionamentos. Existe uma dependência de informação para se crer.

Para VEYNE (2013, p. 54),

O mito possuía um conteúdo que estava situado numa temporalidade nobre e platônica, tão estranha à experiência individual e aos seus interesses quanto seriam frases ministeriais ou teorias esotéricas apreendidas na escola e engolidas sem pestanejar. (...) o mito era uma informação aceita com base na fé no outro.

Nesta modalidade se crê muito no interesse daquele que dá vida à crença, com sua voz, no decorrer da história. A veracidade autenticada, quando da ausência da experiência pessoal, se monta na confiança naquele que se tornou porta voz da fé ora abraçada. Ainda, de acordo com VEYNE (Idem, p. 55):

A modalidade mais difundida de crença é aquela em que se acredita na palavra do outro: acredito na existência de Tóquio, aonde não fui ainda, porque não vejo que interesse teriam em me enganar os geógrafos e as agências de viagem. Essa modalidade pode durar enquanto o crente confiar nos profissionais ou enquanto não existirem profissionais que façam lei na matéria.

Crer apenas com base em evidências, crer sem bases sólidas, que visa não perder os benefícios de uma possível veracidade de tal ato, crer de forma básica, sem necessidade de outras proposições, apenas a própria experiência como fundamento único ou crer pela palavra de outrem, acreditando que neste abismo dos fatos envolvidos, pode-se acreditar na idoneidade daquele que narra ao longo da história, sua história, sem gerar questionamentos que minem tais verdades, encontramos um vasto caminho a percorrer na busca da compreensão do construto crença e sua diversidade interpretativa.

Nas mais diversas modalidades de crenças percebe-se que as escolhas buscam sempre um encontro de interesses. O homem se alinha por interesses, ao aceitar determinada modalidade, a não escolhida é considerada “descartável”. Ela não encontra espaço para uma aproximação, para um diálogo com, inclusive, a sustentabilidade da escolha tendo seus fundamentos confrontados.

Não é uma questão de se estar certa ou não e sim de ser livre para adotar uma determinada crença. Segundo BROCHARD (2008, p.123)

A partir disso, podemos aderir, por um ato voluntário, à verdade científica sem que a verdade perca nada do seu caráter absoluto e independente. Nossa asserção não a realiza em si mesma, mas somente para nós. Posso saber que é por um ato livre que creio na minha existência, na das coisas sensíveis e nas verdades matemáticas, sem que o valor da minha crença seja enfraquecido. Por isso, me dou conta somente de que faço da minha vontade um uso legítimo e racional; livre para escolher entre tantas asserções extravagantes e condenadas pela razão, que outros admitiriam e ainda admitem, ligo-me de preferência àquelas que minha razão aprova. Ponho em equilíbrio, harmonizo minhas diversas faculdades umas com as outras, completo a mim mesmo, desejando, como ser livre, aquilo que sou forçado a pensar como espírito.

Diante da diversidade encontrada no quesito crença, esse fato, nos coloca diante da busca, não de respostas fechadas, até porque não encontramos respaldo para tal afirmação, mas de compreensão do que venha a ser essa escolha e seus desdobramentos concretos. Nos tempos modernos nos deparamos com uma veloz movimentação das perguntas e respostas que nos impõe a uma reflexão, muitas vezes, de algo que já passou nos colocando diante de um novo apontamento que surge no horizonte clamando por novas

interpretações. Pensar essas possibilidades, contextualizando-as, é nosso desafio que se segue.

## 2 A CRENÇA E A MODERNIDADE

### 2.1 A MODERNIDADE

Na busca em compreender a crença é necessário perceber o contexto em que se está inserido. Falar sobre crença na Idade Média, por exemplo, exige, se quisermos de fato melhor compreender, uma leitura contextualizada. Entender a época com seus interesses e a formação daqueles que são a voz predominante da era em questão é de extrema importância. Na ausência destas prerrogativas as fragilidades dos argumentos elencados como fruto do estudo, tornam-se evidentes. Portanto, somos exigidos a expor os meandros da era moderna.

Primeiramente precisamos compreender: o que é modernidade? Paradoxalmente, a modernidade nos traz um misto de sucesso e fracasso. Uma era em que buscamos viver intensamente o novo e ao mesmo tempo em que vivenciamos esse novo, já o deixamos para trás pelo surgimento de algo mais recente em sua substituição. É uma era complexa para se definir porque tudo é nada e nada pode ser tudo. Onde o tempo e o espaço navegam pelo empírico delimitando o que é e o que deixa de ser. Para BERMAN (1986, p.9)

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

Falar da modernidade é perceber a avalanche de acontecimentos que essa era traz consigo uma vez que toda nova era, para surgir, carrega em seu DNA momentos que marcaram e deram forma aquilo que hoje tornamos conhecido como tal acontecimento.

A ciência galopa a passos largos, numa aventura sem precedente. A tecnologia, que surge a partir da exigência científica, potencializa a indústria da produção definindo um novo cenário social, sendo o poder concentrado numa minoria que passa a ditar as regras do jogo. Neste nosso capítulo da história a busca por novos locais de moradia faz surgir uma nova área, a urbana em substituição do ambiente rural. Esse processo é tão avassalador que a comunicação passa a ser uma exigência para continuar a manter a “máquina lubrificada”. Poder é a palavra da vez, quem chegar na frente leva, ou melhor, passar a ser aquele que vai ditar as regras do grande jogo deixando a esfera micro e passando para uma esfera macro de interesses. “‘Modernidade’ refere-se aos modos de vida e organização social que surgiram na Europa a partir do século XVII e adquiriram influência mundial”. (GIDENS apud Sztompka, 1998, p.134). Amplamente aceito pelos historiadores as revoluções francesa, americana e a industrial inglesa surgem como divisores da história.

Mas temos outro olhar que não anula as grandes marcas desta era, mas exige um olhar mais apurado.

Existem dois importantes aspectos do imaginário moderno nas palavras de TAYLOR (2010, p.831).

[...] Primeiro, temos a passagem das sociedades hierárquicas, de acesso mediado, para sociedades horizontais, de acesso direto. E, em segundo lugar, o imaginário social moderno não mais concede as entidades translocais maiores – nações, Estados, igrejas – como fundadas em nada além, nem mais elevado que a ação comum no tempo secular.

Taylor aponta que na horizontalidade das sociedades modernas o espaço, ora preenchido pelos pontos elevados perde seu status para dar lugar ao acesso direto, i.e, melhor compreendido quando falamos que os pontos elevados, ora reconhecidos por qualquer pessoa ou agência privilegiada, deixa de existir tornando importante o acesso direto na pessoa de cada membro da sociedade.

Percebe-se uma inquietação constante, “o imperativo da mudança (Changeмент)”<sup>1</sup>, pela busca de respostas às questões individuais, marca tão latente na modernidade. Não podemos deixar de ressaltar a fragilidade das

---

<sup>1</sup> M. Gauchet apud HERVIEU-LÉGER, 2008. p.39

certezas buscadas. É uma era “inóspita à crença”. Isso faz com que os limites fiquem na esfera do domínio humano não sendo incentivada a exploração para além desses limites. Na busca pela felicidade, no processo consumista de ser pelo que se tem, diminui todo o tempo tornando cada vez mais escasso um possível entendimento das coisas transcendentais. Não existe mais espaço para tais questões, essas são alvos de duro questionamento. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a era moderna aponta para um desinteresse pelas coisas além dos limites humanos, a aceitação que outros, que optaram por crer em algo não material, exercem uma afeição por tais atos bondosos. Mas que fique claro que uma distância segura da religião precisa e deve ser mantida pela volatilidade das certezas por ela aceita.

Com essa compreensão, podemos apontar para eixos que a modernidade carrega. Um deles é a coerência das ações, o que impera no presente século é o fato de não ser permitido dúvidas e sim, apenas certezas em todas as esferas que compreende a vida humana. Os critérios devem ser critérios científicos mesmo diante de suas fragilidades obscurecidas em prol da veracidade. A racionalidade tem seu papel central na modernidade.

Um segundo eixo que podemos trazer para a discussão é a autonomia do indivíduo-sujeito. Essa compreensão leva o indivíduo a potencializar seu poder de decisão e com isso assumir as rédeas de sua vida forjando seus próprios significados.

[...] o “triunfo do indivíduo” como a mais central das “megatendências” que caracterizam a época moderna. Refere-se à ascensão final do indivíduo humano – no lugar da comunidade, tribo, grupo ou nação – ao papel principal na sociedade. O indivíduo emancipa-se de vínculos grupais insubstituíveis e impostos, torna-se livre para se mover entre coletividades sociais e para associar-se de acordo com a sua vontade, um ser independente e responsável por suas próprias ações, sucessos e fracassos”. (Naosbitt e Aburdene apud Sztompka, 1998, p.139)

Em terceiro lugar temos os desmembramentos funcionais das organizações sociais, cada organização passa a gerir seus interesses não sendo mais aceita uma intervenção por quaisquer motivos. O Estado exerce seu papel de Estado e a Igreja exerce seu papel clerical, por exemplo. Cada uma segue as regras que lhe são peculiares. Mesmo sabendo que no âmbito geral existe um relacionamento entre as esferas constituídas, mas seus

interesses individuais são preservados mantendo suas identidades bem clarificadas para sua subsistência.

Esse processo não foi estabelecido num curto espaço de tempo. Entre idas e vindas, conflitos e paz, quando se percebeu a autonomia da ordem temporal frente à tutela religiosa, o processo se solidificou. Surge com isso, o entendimento do público e privado. A separação do Estado e Igreja passou pelo processo que chamamos de laicização. Esse processo afirma que não mais a Igreja dita às regras de convivência na busca de sentido para suas vidas em sociedade. Assim corrobora HERVEIU-LÉGER (2008. p.35):

Em sua resposta à questão: o que é Iluminismo? Kant estabelecia uma relação direta entre essa separação e o processo pelo qual o homem se afirma como sujeito, e sai da sua minoridade. E ele situava a religião e a doutrinação dos padres do lado da esfera privada. De um lado, há o Estado e conjunto de regras formais que lhe correspondem; do outro, o indivíduo e suas "liberdades". Esta separação do Estado político e a vida privada pertence unicamente aos tempos modernos. Ela remete, obviamente, à separação entre sujeito e objeto, entre a consciência, situada ao centro, e o universo.

Não podemos deixar de expor que, todo o processo de secularização perpassa também pela incapacidade dos grandes sistemas religiosos, cristão e judaico, de acompanhar a reivindicação da sociedade em gerir sua própria existência e a reconfiguração das representações religiosas no tocante a autonomia do homem. Entre eles podemos destacar o desejo de rompimento com todo e qualquer desígnio divino. O homem constrói sua história. O iluminismo aponta para essa direção. Como as guerras, "tsunamis" econômicos e regimes ditatoriais históricos apagaram a utópica visão positiva da história, os valores modernos ao qual destacamos a razão, o conhecimento e o progresso permaneceram, em meio ao caos, vivos e uma vez esses elementos unificados, faz surgir, cada vez mais forte, a essência moderna de se reinventar.

Quanto maior o desenvolvimento, maior o seu desejo de ter as coisas no controle, aponta a modernidade. E para isso, se utiliza da criatividade humana reforçando sua autonomia. Outro elemento, não menos importante, é o da insatisfação com o conhecimento já apreendido. O homem sempre pode mais e, nessa certeza, o processo de aceleração do conhecimento não

encontra limites. Não foi apenas a perda social e cultural da religião que faz surgir à modernidade. (HERVEIU-LÉGER, 2008, pág. 37)

## 2.2 A CRENÇA NA MODERNIDADE

Há muito se diz que a crença gerada pela religião na modernidade deixa de existir ou, simplesmente, perde sua força. O confronto da razão frente a elementos transcendentais, impostos pelo tradicionalismo tensionam o ato de crer para uma quase condenação à “pena de morte”. A crença não é mais aceita, simplesmente, pela força da persuasão pura e simples do clero. O crer precisa encontrar na razão seu sentido de existência. Berthelot (*apud* MINOIS, 2014, p.589), exemplifica:

A razão apareceu em mim com uma luz [...] A primeira coisa que cedeu diante desse espírito de exame foi minha fé religiosa. [...] Tinha consideração por minha razão para acreditar em outra autoridade que não fosse a dela; quis que dependesse apenas de mim a regra de meu comportamento e a condução de meu pensamento. O orgulho e o amor de minha liberdade tinham-me libertado.

Frente a essa constatação crescente do individualismo e da racionalidade, marcas da modernidade, às agências religiosas buscam manterem-se vivas alimentando nos seus as certezas de suas crenças pelo simples ato de fé.

Como vimos no tópico anterior, a modernidade traz consigo a separação entre o Estado e a Igreja, mas mesmo indiretamente, a religião por meio de influência de seus pares constitui-se num poder político no país fazendo lobby para que seus interesses, tais como: o aborto, união civil entre pessoas do mesmo sexo, entre outros, permaneçam em pauta e novos interesses sejam concretizados pelos meios legais e demonstrem com essas sinalizações, algum tipo de força. Podemos afirmar que o poder influente exercido pela vertente cristã, na Idade Média, não mais dita as regras, como também não interfere na sociedade como outrora lhe era peculiar. Mas, paradoxalmente, não podemos desprezar a influência ainda forte da religião e seus seguidores. Os religiosos não abrem mão de suas convicções e, por tais convicções, levantam a bandeira dos guardiões da vida e da moral.



O que precisamos perceber é como se dá essa crença nos dias atuais porque é certo que mudanças ocorreram e não se pode concordar com uma imutabilidade do construto crença. Ainda que os religiosos afirmem que a crença permanece intocável, são nítidas as mudanças impostas pela história. Segundo Herveiu-Léger (2008. p.15):

No centro desse universo, que permaneceu inalterado durante séculos, a igreja era o ponto de referência, o lugar em que se concentrava toda a vida da comunidade. [...] A religião estava no centro da sua existência cotidiana. [...] Hoje, ninguém mais frequenta essas igrejas, senão para admirar as características culturais de um mundo que desapareceu.

Um forte indício dessa mudança é a descentralização institucional, a igreja como norteadora da crença vem perdendo força dando lugar à individualidade, característica própria da época. Com esse fenômeno, o cenário de estudo visa encontrar respostas para essa nova configuração, a crença extrapola os muros religiosos e não mais se tornam refém de clérigos. O homem passa a gerir sua própria crença.

Mas a religião não deixa de existir, ela precisa encontrar-se e perceber-se nesta nova configuração. A modernidade é marcada pelo veloz surgimento de novidades e no mesmo ritmo exige que as respostas sejam dadas com a mesma rapidez. Na realidade, a religião perde sua força não por sua legitimidade, mas pela incapacidade de dar respostas a essa avalanche de questões que surgem com a modernidade e uma vez não sendo respondida passa a ser questionada em sua autenticidade e necessidade. Nesse sentido Herveiu-Léger (2008. p.41) afirma que:

As instituições religiosas continuam a perder sua capacidade social e cultural de impor e regular as crenças e as práticas. O número de seus fiéis diminui e os fiéis “vêm e vão”, não apenas em matéria de prescrições morais, mas igualmente em matéria de crenças oficiais. De outro lado, esta mesma modernidade secularizada oferece, geradora que é, a um tempo, de utopia e de opacidade, as condições mais favoráveis à expansão da crença. Mas a incerteza do porvir é grande, mais a pressão da mudança se intensifica e mais crenças proliferam, diversificando-se e disseminando-se ao infinito. O principal problema, para uma sociologia da modernidade religiosa, é, portanto, tentar compreender conjuntamente o movimento pelo qual a Modernidade continua a minar a credibilidade de todos os sistemas religiosos e o movimento pelo qual, ao mesmo tempo, ela faz surgirem novas crenças.

Para uma melhor compreensão do que falamos sobre modernidade, faz-se necessário elencar pilares basilares do conceito. Quando falamos sobre modernidade precisamos ligar esse termo à racionalidade, a concretude dos fatos com coerência é um fator primordial para respostas às inquietações humanas. As ciências predominam. A verdade necessita de provas para existir. (HERVEIU-LÉGER, 2008) Nada que não se possa provar é legítimo, ressoa a voz da ciência.

Outro fator preponderante é que o homem é seu único dono, ele tem a capacidade de avançar por conta própria na sua história.

Este se resume numa afirmação fundamental: a da autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de “fazer” o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência. (HERVIEU-LÉGER, 2008. p.32)

Outra característica peculiar é o modelo de organização das entidades representativas, cada uma tem seu papel muito bem definido e não se misturam. Cada um tem uma especialidade da qual não se abre mão sendo impossível uma relação mais íntima entre elas e isso afeta diretamente a religião que outrora governava os mais diversos seguimentos da sociedade.

A religião passa a gerir, exclusivamente, aquilo que lhe diz respeito, a saber, a fé. Uma nova configuração se estabelece, o indivíduo passa a ser gerente de sua crença. Hervieu-Léger (2008, p.34) considera que “nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são assuntos de opção pessoal”. Mais adiante reitera que “a descrição desta modernidade religiosa se organiza a partir de uma característica maior, que é a tendência geral à individualização e à subjetividade das crenças religiosas.” (HERVIEU-LÉGER, 2008. p.42)

Nesta realidade, percebe-se que o individualismo potencializou a busca por crenças que respondam de forma imediata a questões pessoais. As crenças são adotadas pelas respostas que podem dar às inquietações pessoais e uma vez não satisfeitas em seus interesses elas são facilmente migradas para uma nova.

[...] à experiência cotidiana que os indivíduos fazem da complexidade de um mundo em que eles não encontram mais suas referências, em que experimentam o sentimento de ser tomados por forças que os transcendem e sobre as quais não tem qualquer influência. Uma experiência mais traumatizante ainda porque eles vivem em uma sociedade que alimenta ao mesmo tempo os mitos mediatizados do acesso de todos ao consumo, à saúde, ao bem estar, à auto realização, à eterna juventude, à segurança. A crise econômica, a desqualificação da política e a ausência de perspectivas exasperam as frustrações psicológicas e sociais geradas por esse conflito. (HERVIEU-LÉGER, 2008. p.49)

Não devemos pensar que o ato de crer, mesmo na ausência de elementos fundantes sólidos, não se utiliza da razão. O ato em si exige que a adesão a algo venha a partir de um exercício de reflexão levando em conta os prós e contras de tal aceitação. Argumentos devem ser apresentados, ainda que válidos ou não, como frutos desta reflexão. O acreditar considera como indubitável os elementos que o forjam.

Claro que não podemos ser inocentes ao ponto de achar que por se utilizar a razão a crença seja plenamente pensada. Em determinados casos, podemos perceber que no exercício da crença a inteligência, aquilo que deve governar o espírito, levando em consideração o que lhe é agradável a ponto de ser aceito, passa daquele que governa a aquele que é governado (Herveiu-Léger, 2008). Na busca para sustentabilidade do objeto da crença a vontade de crer busca razões que a justifiquem causando uma acinesia da inteligência impedindo uma nova adoção.

Com isso podemos reforçar o entendimento das experiências pessoais, uma das marcas da modernidade. A crença passa por um ato voluntário no qual a aceitação, ou não, está intimamente ligada às aproximações, semelhanças que a razão individual exige. Para Taylor (2010, p.357) “[...] nas sociedades ocidentais uma cultura generalizada de “autenticidade”, ou individualismo expressivo, em que as pessoas são estimuladas a encontrar o seu próprio caminho, a descobrir o seu próprio prazer, a “fazer tudo do seu próprio modo”.

Talvez essa seja uma resposta à crença castradora do século XVIII quando a ordem eclesiástica vigente se utilizava da negação da razão, sendo autoritária neste quesito, condenando o prazer pessoal, leia-se sexual, dos seus e muito mais daqueles que eram externos a sua esfera de convívio.

Outro possível, mais plenamente aceito, para uma racionalização e individualização da fé surge com a falência da teodiceia<sup>2</sup>. Um Deus que controla tudo deve ser também responsabilizado por tudo, pela dor do mundo. Diante desta questão surgem as fragilidades frente à imposição que a modernidade requer, respostas! Diante da negativa desta forma de acreditar e a exigência dos parâmetros racionais postos, fica fácil se rebelar uma vez tendo a clareza que o homem é um agente livre e, portanto, não sendo permitido um retorno a uma identidade desprotegida. Segundo Taylor (2010, p. 384-385):

Passamos de um mundo encantado, habitado por espíritos e forças, para um mundo desencantado; porém, talvez ainda mais importante, passamos de um mundo estático e cercado por limites determinados para um outro que é vasto, parece infinito e se encontra em meio a uma expansão evolucionista ao longo de éons.

Com isso, concluímos que o individualismo que outrora surgia em ações oriundas da *célula mater* religiosa, evoluiu. Passando por um exercício de autoexame, autodesenvolvimento gerando uma compreensão que o viver em sociedade deve ser encarado como um bem coletivo.

Portanto, percebemos a importância de ter uma leitura a partir das comunidades religiosas uma vez que falamos de algo vital para sua existência, a crença. Sem essa expressão a religião não sobrevive. É por suas crenças que ela se movimenta, se identifica, deixa sua marca na história.

Em nossa próxima seção conheceremos a comunidade que será nossa base de estudo na busca de compreender a crença e suas sombras nos dias atuais.

### **3 A COMUNIDADE CHAMADA BETESDA**

Há 19 anos nascia, em Natal/RN, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Betesda. O nome sugere uma ligação com a igreja irmã Assembleia de Deus, mas apenas sugere mesmo sendo seu nascedouro, em Fortaleza/CE,

---

<sup>2</sup> Teodiceia é um termo derivado do título da obra *Ensaio de teodiceia* de Leibniz que justifica a existência de Deus a partir da discussão do problema da existência do mal e de sua relação com a bondade de Deus.

oriundo desta denominação, ele surge no cenário evangélico com uma Missão e Visão bem definidas e distintas de sua origem. Em sua Missão temos, “SERMOS UMA IGREJA PENTECOSTAL REFLEXIVA QUE TEM RELEVÂNCIA NA REALIDADE EM QUE ESTÁ INSERIDA” e em sua Visão temos, “FAZER DISCÍPULOS DE CRISTO ATRAVÉS DA PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO PLENO, BUSCANDO A EXCELÊNCIA CRISTÃ”.

Inicialmente, não se percebe uma distinção muito pontual, conceitualmente falando, quando se compara com outras denominações evangélicas. Esse ressaltado é percebido somente no convívio diário com seus pares, sua doutrina, ainda que essa, para eles, permaneça em constante movimento, suas atividades, sua maneira de ligar a mensagem do evangelho à vida a partir dos seus membros.

No nome já se encontra o perfil desejado por esta comunidade de fé. Betesda, nome adotado como principal, em hebraico, significa *Lugar da Misericórdia de Deus*. Ela busca como comunidade, “divulgar a notícia mais alvissareira: Deus ama e quer construir uma linda história com seus filhos” (BETESDA, 2009). Deseja, afirmam eles, “ser uma comunidade onde as pessoas possam encontrar ombro, amor, abrigo, oração e consolo nos momentos difíceis”. (BETESDA, 2009).

Com a visão missionária, quer seja ela transcultural ou local muito ressaltada, busca alcançar os necessitados em sua totalidade como ser humano que carece de cuidados espirituais, mas também de cuidados com as demandas naturais de uma existência terrena.

A partir desta visão se estabelecem inúmeras ações sociais entre elas: *Missão Betesda em Moçambique/África* - A missão envolve serviços na área de prevenção e formação de agentes comunitários de saúde; atendimento médico-odontológico e também como voluntariado, aulas no Hospital Central e na Universidade de Saúde da cidade; *O Projeto Amigos da Rua* que visa a ressocialização dos moradores de rua; *Projeto Arquitetos do Futuro*, que tem como alvo as crianças e mães carentes da comunidade Menino Jesus sendo esse responsável por atividades educacionais e profissionais; e o *Mutirão da Dignidade* que busca unir diversas áreas da nossa sociedade tais como Saúde – Médicos, Enfermeiros, Odontólogos -, SEJUC – CPF, RG, Carteira de Trabalho, Advocacia Amiga – Orientação Jurídica -, Corte de Cabelo, Curso

profissionalizante, entre outros em prol do bem individual sabendo que esse bem se estende ao coletivo.

Ao longo dos anos de sua existência, percebe-se uma alteração doutrinária fruto de uma reflexão constante e das inúmeras inquietações em busca de conciliar a mensagem ora proferida em seus púlpitos com a vida cotidiana fazendo com isso uma aproximação dos ensinamentos bíblicos cristãos com aqueles que são chamados de “a nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (NVI, Bíblia de Estudo – Gênesis 1.26).

Percebe-se um nítido distanciamento das Igrejas Evangélicas Clássicas quando se trata, trazendo a mesa dos debates, assuntos rotulados de “Cláusulas Pétreas”. Onisciência, Onipotência, Literalidade Bíblica, Fé, Milagres, entre outros são temas que são levados constantemente a uma reflexão permitindo-se, inclusive, um novo reposicionamento de ideias quando necessário.

Eles não se veem como detentores de uma única verdade, mas reconhecem que mesmo diante do direito de ter a sua verdade as “outras” verdades devem ser respeitadas e isso não deve ser motivo para uma falta de diálogo entre elas.

No quesito Fé, existe uma peculiaridade interessante. No meio evangélico tem-se a fé como um instrumento que visa “mover” a mão do transcendente em favor dos seus. O homem passa a controlar esse Ser Superior quando de posse deste algo único, que se nomeia por fé, capaz de demover uma possível negativa aos seus desejos. A leitura desta comunidade é que uma vez adotada essa prática o Senhorio ora proclamado passa a ser do fiel e não mais do transcendente. Neste sentido, Gondim (2013) afirma “Oração, prece ou reza com força de *mover o braço de Deus* daria onipotência ao fiel – já que ele consegue tirar a divindade de sua apatia.” Segundo a leitura desta comunidade a utilização da fé como meio de benefício cria um sistema religioso deturpado. “Eis um dos motivos para Nietzsche denunciar os cristãos. Quem pretende *mover Deus* em seu benefício não passa de interesseiro, egoísta e covarde.” (GONDIM, 2013)

A fé deve ser compreendida de outra forma, ela deve ser um instrumento de auxílio no dia a dia frente à dinâmica própria da vida. Segundo esta comunidade, algo que deve gerar uma esperança e não uma arma na qual

se consegue evitar os percalços presentes e futuros. Segundo Gondim, “Eu também aceito a fé como aposta. Fé que não foge da lida, encara o drama de viver e incita coragem.” (GONDIM, 2013).

De fato existe um distanciamento quando se fala de Fé a partir desta comunidade, longe de ser um desejo em se tornar superior às demais, essa reflexão busca alinhar seu discurso com a vida que se apresenta e que não pode ser desprezada quando se busca ser sincero com as respostas emanadas desta relação. Falar abertamente sobre esses temas acarretaram rótulos e ataques à integridade desta comunidade que não tinha, e nem tem, outro interesse a não ser ter seu direito a pensar, refletir sobre temas que os incomodam teologicamente. Direito esse que não se declina por entender que os benefícios e malefícios de tais ponderações terão seus ônus, ou bônus, exclusivos a eles próprios.

A relação desencadeada pela crença num transcendente não visa o utilitarismo por parte de quem crê. Segundo seu construto doutrinário, essa relação deve independe dos benefícios alcançados por ambos. O desejo é que os interesses pessoais, de ambos os lados, sejam colocados de lado em prol de um bem maior que é a transformação da criação a partir de uma compreensão de um ser melhor para si e para os outros. Isso de forma voluntária e não impositiva ou por meio de processos de culpa.

A crença, na Betesda, não tem a intenção de alienação. O fato de crer não anula ou transfere a responsabilidade de cada homem que decide crer em algo não material ou não passível de experimento. O ato de crer segue por caminhos pessoais, e tão somente experimentais, que dão forma e autentica tal crença tornando com isso verdade para quem crê.

De forma bem peculiar, a Betesda Natal vem construído sua crença. Numa época de grandes questionamentos existenciais, surge uma possibilidade que sabe de onde vem e para onde vai sem a pretensão de ser a detentora plena das chaves de todas as respostas. Ela mesma vive a inquietude das incertezas, deseja viver de forma coerente com o que crê, mas sem deixar de lado sua humanidade que abarca imperfeições, e mesmo diante desta verdade, entende que pode se relacionar com o seu transcendente, sua verdade. Eis diante de nós um fato a ser estudado. É possível crer da forma que eles creem? Que crença é essa que se distancia da crença clássica

evangélica?

### **3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Para uma melhor compreensão do trabalho apresentado se fez necessário entrevistar alguns daqueles que compõem esta comunidade. Por motivo de salvaguardar as vozes e seus interesses pessoais, vamos utilizar nomes fictícios na apresentação de cada entrevistado.

O primeiro entrevistado é o Mário, 49 anos, Psicólogo, casado e diz professar a fé evangélica há 30 anos. A segunda entrevistada é a Maria, 42 anos, casada, Fisioterapeuta e diz professar a fé cristã há 30. A terceira entrevistada se chama Luzia 50 anos, casada, Pedagoga e professa a fé no movimento evangélico protestante há 30 anos. A quarta entrevistada é a Leandra, solteira, 50 anos, Contadora e professa a fé evangélica há 46 anos. A Quinta entrevista foi com o senhor Gilsom, 47 anos, casado, Coordenador de Segurança na área aeroportuária e professa a fé cristã há 8 anos. A sexta entrevistada foi a Marta, casada, 45 anos, Aeroportuária e professa a fé cristã há 45 anos. E a sétima e última entrevistada foi Joana, 41 anos, casada, Administradora e professa a fé cristã há 16 anos.

### **3.2 A ENTREVISTA**

O trabalho apresentado não tem a finalidade de confrontar as mais diversas teorias sobre o tema abordado e sim, se utilizar dessa diversidade conceitual para compreender a pluralidade das crenças.

Uma vez definida essa linha de pesquisa, definimos que para uma melhor visão se fez necessário encontrar vozes que dessem corpo as teorias ora estudadas, lembrando sempre o sentido de compreender e não debater.

Como membro da comunidade Betesda e vivenciando essas inquietações, escolhi estudar e entrevistar as vozes daqueles que fazem parte desta comunidade com o intuito ter uma leitura mais compreensiva da sua forma de crer.



Definimos uma quantidade de 5 a 10 entrevistados, sendo atingido o número de 7 pessoas. Busquei harmonizar pessoas que estão deste do início da comunidade, outras que chegaram no meio da história comunitária e por fim, aqueles mais novos visando uma melhor leitura do construto crença.

As entrevistas foram feitas em seus lares, em locais reservados e de forma individual se utilizando ora de um equipamento de gravação mais completo e, em outros momentos, apenas com o notebook. As gravações tiveram duração mínima de 30 minutos e até máximo de 2 horas. Ficando na média em 1 hora.

Foram utilizadas cinco perguntas bases, introdutórias. Não sendo previamente informadas para buscar a mais autêntica das respostas, mas com o decorrer das perguntas outras foram surgindo para uma melhor compreensão do que se desejava como resposta. A indução das perguntas secundárias visava apenas o despertar do entrevistado para a pergunta chave. Ora se tinha sucesso, ora não. No decorrer na entrevista/conversa elementos teóricos eram apresentados para uma melhor compreensão das perguntas.

Foram feitas as seguintes perguntas:

- 1 O que é, para você, acreditar?;
- 2 O que significa acreditar em Deus?;
- 3 Como Deus está presente na sua vida?;
- 4 Você pauta suas ações cotidianas em função de suas crenças?
- 5 O que na verdade você quer dizer quando afirma crer em Deus?

Julgo ter sido proveitoso todas as entrevistas, mesmo reconhecendo suas possíveis fragilidades. Fragilidades essas em decorrências de tempo por parte do entrevistador e dos entrevistados frente a outros compromissos pessoais.

Mas, no geral, acredito ter material suficiente para uma análise mais detalhada daquilo que nos propomos como pesquisador, que é analisar as falas a partir da temática crença de forma compreensiva convidando as mais diversas teorias para um diálogo aproximativo que se segue na próxima seção.

## 4 O QUE DIZEM OS QUE CREEM

Uma forma importante de perceber a crença e suas possíveis variações é buscar compreender a partir das vozes daqueles que se dizem crentes em algo, quer seja material ou não, no caso em questão, no Deus cristão. O que creem? Como essa crença afeta sua rotina? Como interage com terceiros? “O QUE DIZEM OS QUE CREEM?”

A primeira pergunta tem como intenção buscar dos entrevistados, na dimensão macro e não reduzida à religião, entender o que eles compreendem por acreditar.

### Pergunta 1

#### O que é, para você, acreditar?

Segundo Mário acreditar:

“É depositar a confiança. É isso, alguém pode falar alguma coisa e eu acredito ou não. É depositar esperança. É apostar naquilo ali. É me dispor a aceitar aquilo ali como verdade. Acreditar é aceitar aquilo como verdade.”

Já segundo Maria acreditar

“É pra mim, não ter dúvida, não ter dúvida em relação daquilo que se crê”.

Para a terceira entrevistada, Luzia que acreditar:

“É ter certeza de algo como verdadeiro”.

Para Leandra acreditar é:

“Você, por fé, coloca assim, o teu coração, a tua mente, as tuas ações o propósito de alguma coisa que é... pode ser palpável ou não, pode existir, pode não existir, ou seja, de fato na realidade existe, mas pode ser palpável ou não... eu entendo isso como acreditar. [após minha intervenção em cima da sua resposta] é uma aposta”.

O quinto entrevistado, Gilsom, diz que acreditar é:

“Não ter dúvida da existência de algo”.

Já para a sexta entrevistada, Marta, acreditar é:

“Ter uma vivência ou até sua concepção do que você apreendeu quando criança, a gente vem trazendo os ensinamentos dos pais e eles nos ensinam que a gente tem um Jesus, a gente né, Jesus cristão então você acaba acreditando o seguinte que, a gente está no mundo por causa daquela história bíblica que Deus nos colocou no mundo, que temos que viver... acreditar é mais uma... acho que é uma fé na verdade, uma crença, uma vivência, uma experiência ou não, mas que vem dos ensinamentos dos nossos pais”.

E para Joana acreditar é:

“Acreditar em Deus é acreditar que existe alguém que é superior a toda a humanidade e que essa humanidade foi criada por Ele”

Percebe-se, após analisar as falas daqueles que creem que o acreditar navega por dois campos. Alguns, a priori, não conseguem dissociar o acreditar do cotidiano do acreditar a partir de sua fé. Isso não é algo que devemos aqui, julgar como certo ou errado, mas constatar apenas que alguns, por imersão no religioso, têm dificuldade em desvincular-se deste campo. A crença tem essa capacidade de envolver o crente a ponto de não ser possível separar o eu religioso do eu não religioso. Não devemos esquecer que o eu religioso é um cidadão que interage num ambiente que lhe é externo a sua fé. Em algumas falas podemos perceber que alguns têm facilidade em exercer essa separação. Aquilo que se intitula de público e privado. Volto a afirmar que não existe o desejo de privar a expressão religiosa e coloca-la num invólucro, mas apenas estamos chamando a atenção para o poder que a crença exerce naquele que crer.

Se essa separação não estiver bem clara para o homem religioso isso pode implicar num processo de alienação trazendo consigo todas as implicações decorrentes dessa escolha. Não podemos generalizar essa dicotomização, ela é apenas um fato.

Para o cotidiano, a dinâmica própria da vida, para usar uma terminologia mais científica, a expressão é imanente, só acreditamos quando de fato nossos olhos ou mãos entram em contato com o objeto que dizemos crer. Eu creio que isso é uma cadeira porque eu vejo, eu sento, eu toco. Nada pode mudar essa minha percepção que aquilo é uma cadeira, claro levando em consideração o conhecimento apreendido para se chegar a tal conclusão. Esse é o campo das certezas científicas, aquela que Clifford aceita como única verdade. A falta de comprovação da veracidade do objeto da crença é uma profanação, por parte

daquele que crer, de tal busca. Os prazeres pessoais jamais podem estar acima dos fatos concretos. Essa é uma marca da modernidade. A falta de concretude dos argumentos apresentados é uma exigência e, portanto um forte opositor a fé.

No campo da religião essa exigência não existe. O acreditar no campo da transcendência extrapola a concretude dos fatos. Para James (2010, p.61), “temos o direito de acreditar por nossa conta e risco em qualquer hipótese que esteja suficientemente viva para ser uma tentação para nossa vontade.” Não importa, ainda que seja prudente a busca intensificada pelo não equívoco, se é viva, é legítima. Os erros devem ser amenizados, mas o maior de todos os erros, segundo James, é não acreditar por medo de errar. James acredita que existem muito mais benefícios do que malefícios no ato da crença. Mesmo que ao final se descubra a inverdade da fé escolhida, no processo do desenvolvimento da fé, direções foram reformuladas em busca de se tornar um melhor ser. Na expressão cristã o ser a quem se devota à crença ensina que as pessoas devem buscar uma melhor condição pessoal, interior e exteriormente falando. Mas adiante vamos perceber o quanto isso é real e vivo.

Na segunda pergunta, tínhamos o interesse em ligar a primeira pergunta mais conceitual, à dimensão do sagrado. Como eles, os entrevistados, ligavam o conceito do acreditar com a sua divindade?

## **Pergunta 2**

### **O que significa acreditar em Deus?**

Para Mário:

“Com o passar do tempo, esse meu conceito ele foi mudando... logo no início eu achava que tudo na minha vida já estava predeterminado por Deus. Ele estava do meu lado me protegendo de todas as coisas e nada de mal iria me acontecer... porque quando lia a Bíblia tinha alguns trechos que falavam a esse respeito... e se eu prestasse um concurso ou qualquer outra coisa então chegava e dizia... não! Está nas mãos de Deus. E isso fazia com que eu me anulasse. as minhas escolhas, tudo isso ficasse de certa forma anulada porque eu dizia que tudo é de Deus, Deus é que tem que fazer. E eu esquecia que muitas das escolhas, das decisões que... de mudanças que possam ocorrer na minha vida, seja em todos os âmbitos... profissional, conjugal, espiritual, passam, inexoravelmente, vão passar por escolhas minhas. Então hoje não vejo mais assim, eu faço as escolhas. Agora, acreditar em Deus é saber que quando eu falo em Deus é porque sei que acredito que teve alguém que criou tudo isso

que está posto. o universo. Essas coisas materiais que nós temos claro, que foi o homem quem fez. Agora, aquelas coisas que são inexplicáveis, que o homem não consegue explicar eu atribuo... foi a um ser superior o que eu dou o nome de Deus. Nós cristãos adotamos essa denominação, foi Deus. Foi Deus que criou todas essas coisas. obviamente que essas coisas materiais, essas coisas que nos vemos... tudinho... com exceção da natureza, que não teve a mão humana, então eu vejo que foi a criação de Deus. Mas o restante, não. Foi às escolhas, a evolução, o desenvolvimento do próprio homem”.

Já segundo Maria acreditar em Deus:

“É você acreditar que você existe... que você é um ser que está aqui, um ser humano e que acima de você existe um divino e que você precisa deste divino. Porque em todo ser humano, ele necessita, eu acho, ele necessita desta presença do divino, de algo, um ser ou de algo que é superior a ele, que é superior a nossa humanidade que a gente vê, enxerga e esse ser divino ele pode recorrer em todas as circunstâncias... não só nas circunstâncias adversas, mas aquele ser que está ao lado dele e que ele pode recorrer a esse ser e que o ser humano necessita deste divino, desta divindade, desta crença”.

Luzia diz que acreditar em Deus:

“É ter certeza que ele é verdadeiro. Saber que ele é verdadeiro.”

Para Leandra acreditar em Deus:

“Envolve muito a questão da fé. Então, por exemplo... eu acredito em Deus porque ele tem se manifestado ao longo dos anos... desses anos pra mim, para outras pessoas, para o mundo... então, eu creio em Deus devido aos sinais. Devido à manifestação Dele. E principalmente a revelação Dele para os homens. Então eu acredito em Deus por isso. Então, pra mim, é uma verdade. Não é algo suposto. Pra mim é uma verdade.”.

O quinto entrevistado, Gilsom, diz que acreditar em Deus

“É não ter dúvida da existência de Deus, da presença de Deus na minha vida”.

Já para a sexta entrevistada, Marta, acreditar em Deus

“É o que eu vivencio o que você tem de experiência positiva ou negativa independente de... uma vez eu ouvi de uma pessoa e a gente sempre ouve algumas pessoas dizerem que o caminho da fé está às vezes pela dor, né? E se você não procura a fé, independente do local de como você acredita, pelo amor, às vezes a pessoa vai pela dor. A gente, eu particularmente, eu acho que a gente tem um mundo ou uma essência, não sei exatamente como isso é... que... quando você cresce onde as pessoas lhe ensinam que você tem um Deus que você foi concebido numa família, que você tem amor ao próximo eu acho que tudo... esse monte de circunstância desde pequeno e os ensinamentos que nos temos de nossos pais nos leva a crer que existe um Deus. E este Deus é que nos protege, e aquele

que quando estamos amargurados, você procura, quando você está feliz, você agradece, nem sempre nesta mesma proporção... a gente tem essa experiência, ou essa crença através da vivência, pra mim é através da minha vivência e experiência”.

E para Joana acreditar:

“Pra mim é acreditar que eu não estou só, que existe alguém que é perfeito em tudo, no amor, na justiça, na vida que está acima de mim e mesmo assim, não me subjuga. Pelo contrário, me ama, me respeita e me aceita como sou”

A partir das falas na segunda pergunta percebemos que o acreditar em Deus é uma questão existencial. Expressões como “Ele criou...”, “É superior”, “Se manifestou [podemos ler nas entrelinhas a expressão de forma sobrenatural]”, “Que está acima de mim” são expressões que mostram uma inquietude da “alma” humana no sentido de saber suas origens, de acreditar que foi gerado por algo maior do que ele, que esse superior o protege de todas as coisas.

Essa lógica é plenamente aceita porque ninguém deposita seu acreditar em algo inferior às suas forças. Como a dinâmica da vida é muito intensa, e porque não dizer que muitas vezes cruel para o homem, se faz necessário utilizar da “racionalidade imaginativa<sup>3</sup>” que nos diz que “todos podem adotar culturas que os ajudem a abordar os problemas e maximizar a situação”. (SMILDE, 2012. p. 13).

Não são poucas as pessoas que buscam nesta relação uma salvação para sua condição. Quer seja ela boa ou ruim, a figura do ser superior traz uma esperança, um sentido de continuidade que a vida, em muitos casos, demonstra o contrário. Dor, alegria, choro, felicidade, fidelidade, traição são sentimentos intensos na vida de cada homem e na esfera espiritual sempre encontramos um divino que deseja evitar a dor, o choro, a traição do seu fiel e trazer a harmonia necessária para um melhor viver.

A ciência, por mais que tenha uma gama de respostas para as mais densas questões humanas, algumas dessas ainda se encontram sem respostas. Nessas a religião se apoia e se fortalece. Por mais consciência clara de sua finitude o homem busca com todo afincado prolongar sua estadia na terra

---

<sup>3</sup> Smilde (2012. p. 73) - Indivíduos encontram problemas, criam novos projetos para enfrenta-los e depois avaliam reflexivamente o sucesso desses projetos. Esse é o processo a que me refiro como racionalidade imaginativa.

e porque não, na possível veracidade da existência para além desta primeira, garantir a sua estadia. A questão é mais densa do que se parece. Abraçar a ideia que pode existir, de alguma forma, a continuidade do seu ser desperta neste homem um desejo de aproximação, apego que somente a crença em um Deus é capaz de oferecer.

É um tipo de alicerce fundamental para o homem religioso a crença num Ser Superior. Para James (1991, p.46) “A determinabilidade absoluta da nossa mente por abstrações é um dos fatos cardeais da nossa constituição humana”. O que fica claro é a necessidade que esse ser que crê tem dessas abstrações ainda que delas tentem fugir, em algum momento da sua vida, para algo mais concreto.

Não podemos deixar de reforçar tal ideia com a percepção de Platão no tocante a Beleza abstrata. Em Platão (*apud* JAMES, 1991, p.46) temos,

A verdadeira ordem pela qual se deve proceder é usar as belezas da terra como degraus que transpomos em busca da outra beleza, passando de uma a duas, de duas a todas as formas belas, e das belas formas para as belas ações, e das belas ações para as belas noções, até que das belas noções chegamos à noção da Beleza absoluta e, por fim, conhecermos o que é a essência da Beleza.

Parece-me que é esse sentimento que permeia as experiências dos que creem. Se essa crença traz consigo coisas boas, se deixa o homem feliz, ela passa a ser alimentada e preservada a qualquer custo. “Se um credo faz o homem sentir-se feliz, ele o adota quase inevitavelmente” (James, 1991. p. 59). Todo o homem, independente do que crê, deseja a felicidade. E se a felicidade é encontrada naquilo que se chama Deus, todo esforço empreendido será colocado no objeto de sua crença.

Uma vez conhecida a dimensão do acreditar para cada um dos entrevistados, precisamos sair da teoria para prática. Entendemos que uma crença gera atitudes e essas atitudes, normalmente, são frutos dessas crenças. Saber o papel de Deus na vida deles é fundamental para uma melhor compreensão daquilo que chamamos de fé.

### Pergunta 3

#### Como Deus está presente na sua vida?

Segundo Mário:

“Quando eu olho pra Deus... o papel de Deus em minha vida, que desempenha na minha vida, é o papel do criador. De alguém que me ama, de alguém que sofre comigo, que se alegra comigo, mesmo que materialmente eu não consiga vê-lo, não consiga pegar, mas eu vejo, eu sinto que ele está comigo, eu sinto que em muitos momentos que eu estou um pouco atribulado, sem saber a saída, eu vejo, eu consigo entender, eu através da minha crença, de que ele pode trazer essa tranquilidade pra mim... não que ele vá fazer as coisas por mim... mas ele pode trazer uma tranquilidade pra mim de que... pra que eu possa tomar as melhores decisões, para que eu possa fazer, para que eu possa gerenciar minha própria vida. Então Deus, eu vejo que, é um ser que criou tudo e nos proporcionou e criou o ser humano. E como eu sou descendente dessa criação então eu, automaticamente, me sinto como criado por ele”.

Já segundo Maria Deus está presente na sua vida:

“Em todos os momentos. Eu acho que Deus Ele... no instante em que você tem essa crença, no transcendente, no divino, em todos os momentos da sua vida, em tudo que você vai fazer... como a sua vida está pautada nesta crença, em todos os momentos, com certeza. Isso torna o ser humano melhor.”.

Luzia disse que Deus:

“Não está posto pra mim pra que eu possa fazer coisas boas. Mas eu penso que Deus é uma necessidade que eu tenho de ter esse Ser transcendente em quem eu confie em quem eu possa ter uma relação de cumplicidade, de amizade e claro que, conseqüentemente como eu acredito que o transcendente é bom, deve ter gente que acredita num transcendente mal, mas eu acredito num transcendente que é bom então certamente ele vai influenciar em ações para o bem”.

Para Leandra Deus está presente na sua vida...

“Destes anos todos vivendo esse cristianismo eu cheguei à conclusão que Deus há de ser revelado pra mim a cada dia que eu vivo. Porque, realmente é muito complexo. Eu sinto assim, que existe a Bíblia que é a palavra de Deus onde havia um encontro, palavras de esperança, de conforto e de conduta de vida e que essas de condutas de vidas eu adotei e deram certo ao longo dos anos. E aquelas que eu não adotei e resolvi fazer segundo aquilo que estava no meu coração, de forma equivocada, não deram certo. Então eu vejo que ali há muita fonte de informação em termo de conduta de vida para o homem, ponto fechado. Mas assim, o Deus que está acima desta escritura, da Bíblia, que independe desta Bíblia, que é o transcendente eu vejo que é a paz que eu sinto, é o meu relacionamento assim em termos de orar, de me comunicar com ele, e depois ter e a resposta desta comunicação, esse relacionamento assim diário que vai se manifestando na minha vida. Agora você achar seu equilíbrio, realmente só o transcendente. Porque a gente



sabe que o mundo, e a forma das pessoas viverem neste mundo é... nos leva realmente a viver uma vida totalmente de muito estresse, muita depressão, muito cansaço, muito desânimo então eu vejo que Deus há de se revelar pra mim, até meu último dia de vida... ele ainda há de se manifestar... então Ele não é fechado, não é como meu pai... eu estou vendo, eu posso ir com ele, ainda que o homem seja, claro a gente não conhece tudo do homem, mas ele é finito. Então muitas coisas até meu pai falecer estava fechado, agora Deus não. Então... eu até acho que, de forma equivocada, relacionam Deus como pai, mas como um pai que deveria ser melhor definido”.

O quinto entrevistado, Gilsom, diz que:

“Deus está presente na minha vida, principalmente nas minhas ações. Eu não reconheço Deus como uma pessoa. Não posso dizer que Deus é uma pessoa. Uma pessoa Deus, não, não. Eu não colocaria Deus... mesmo Jesus na forma de homem eu não colocaria na forma de pessoa. Eu acho que Deus hoje pra mim é algo muito palpável, mas não é uma pessoa. Ele existe, eu consigo conversar com ele, mas não consigo enxergar, não consigo enxergar ele na figura de uma pessoa. Não vejo, apesar de nós termos as várias fotos, vários personagens que se criaram para Jesus, eu não O enxergo desta forma. Eu não O vejo na forma de uma pessoa. Eu vejo Ele, eu tenho a presença dele... é sentimento, Ele fala, eu arrepio. É um sentimento, não é uma pessoa. Eu entendo a minha relação com Deus, esse Deus é de troca é de sentimento. Eu paro e me concentro naquele momento para tê-lo perto de mim, entendeu? Você tem que ter esse momento.. você tá fazendo um monte de coisa... e agora quando você pega e foca, se concentra pra uma conversa com Deus e um momento seu e Dele... Eu não enxergo ele não como uma pessoa, eu enxergo ele com um ser, e não necessariamente humano e que ele responde os meus....

Já para a sexta entrevistada, Marta, Deus está presente na sua vida:

“Em Amor, liberdade, caridade... Eu vejo assim, a caridade junto e generalizada... não é chegar ali fora pegar uma pessoa e dar de comer não... é uma caridade que você olhe para uma pessoa e a cumprimenta. Porque muitas vezes isso não é feito com naturalidade. É no tratamento com o outro que está incluso o feito da caridade... nas atitudes. Não daqui a 10 anos, 15 anos, mas agora.”

E para Joana:

“Deus está presente em todos os momentos, nos bons e ruins porque tenho a certeza de que não estou só, Ele me acompanha, Ele está presente. Percebo sua presença nos momentos alegres, sinto que Deus também está alegre e nas dificuldades, Ele é o consolo, é a esperança de que a situação por mais difícil que seja pode ser modificada”.

Deus é aquele que molda, forja o caráter daquele que crê. Nas falas encontramos frases que denunciam essa constatação. Tornar pessoas

melhores é, no geral, o centro do papel que Deus desempenha. A relação uma vez estabelecida gera um sentimento de autoanálise em busca de uma melhor postura moral e ética. Nesta relação a confiança é o elemento chave. Deus tem o papel do Ser perfeito, que é onisciente e por ter esse rótulo inquestionável, tem influência diretamente daquele que o tem como seu Deus.

Apesar de ser apontado por cada um deles, de forma positiva, a mudança individual, o tornar-se melhor como fruto direto desta relação cristã, nas intervenções, pude constatar que eles aceitam tranquilamente que essas mudanças não são exclusivas de sua expressão religiosa. Eles entendem que se encontraram no cristianismo e isso mudou suas vidas. Os ensinamentos, valores e tudo que abarca esse sagrado, os auxiliaram no entendimento e nas necessidades de ajustes. Mas isso não quer afirmar que as mudanças só vão ocorrer naqueles que professarem a mesma fé. Eles, inclusive, reconhecem diversas outras crenças e acreditam que essas tem potencial suficiente para gerar as mesmas mudanças pelas quais eles vivenciaram ou vivenciam. Segundo James (2010, p.50) “Queremos ter uma verdade; queremos acreditar que as nossas experiências, estudos e discussões têm de nos colocar numa posição cada vez melhor em direção à verdade; e nesta linha concordamos resolver as nossas vidas pensantes”.

Em muito dos discursos da fé percebemos que se não fosse pela fé, muitas das mudanças que se apontam como melhoria não teriam ocorrido. A crença foi o “start” necessário para que aquilo que estava oculto, à sua consciência até então adormecida, torna-se visível gerando uma ação proativa em direção as mudanças que julgassem como distorções pessoais.

Não podemos delimitar uma linha que nos afirme a veracidade de impulso divino. O que podemos afirmar que as mudanças de fato ocorrem por relatos de terceiros que apontam claramente que a crença foi fundamental neste processo. Uma expressão muito utilizada no meio cristão: “um novo homem” reforça essa condição e dando a legitimidade que eles necessitam para afirmar sua prática de fé.

Fica aqui para uma reflexão, se o fato de reconhecerem a veracidade de outras expressões de fé, não aponta para que as mudanças necessárias, que gerem uma transformação pessoal tão almejada, não nascem de um

transcendente e sim do desejo exclusivo do homem em querer mudar, pelas suas próprias forças?

Chegamos à quarta pergunta e a ela julgo ser o elemento fundamental da crença. Conhecemos a crença como conceito, mas agora saberemos os desdobramentos práticos deste conceito. Para James (1991. p.44)

Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer um desses casos, eles provocam em nós uma reação; e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis. Pode ser até que seja mais forte.

#### **Pergunta 4**

#### **Você pauta suas ações cotidianas em função de suas crenças?**

Segundo Mário:

“Eu procuro. Eu procuro tratar as pessoas bem, entender as pessoas, eu procuro ver as necessidades das pessoas... eu vejo aquilo, eu tento, nem sempre a gente consegue, mas eu tento nas minhas ações do cotidiano tentar colocar os ensinamentos que Jesus Cristo passou pra todos nós, eu tento colocar isso em prática. [*Foi interpelado pelos possíveis ganhos oriundos das boas ações*] Quando eu sou movido a fazer determinada coisa é obvio que eu faço porque eu ganho, eu estou ganhando alguma coisa, mas não estou ganhando, por exemplo, estou fazendo alguma coisa porque Deus vai me recompensar, não. Eu faço porque isso me faz bem. Esse é o maior presente que eu tenho. E estar fazendo qualquer coisa que no final eu me sinta realizado, me sinta bem, sabendo que fiz alguma coisa por alguém, ajudei alguém, pude estar próximo de alguém, então sempre que isso me acontece me sinto muito bem, então esse é o maior ganho que eu tenho, é me sentir bem com aquilo que estou fazendo”.

Já segundo Maria

“Certamente. Porque a vida da gente, nossa história de vida está pautada nas nossas experiências, naquilo que a gente acredita. Então a forma como eu ajo, a forma como eu me comporto ela está pautada com certeza nas minhas crenças, nos meus princípios, nos meus valores. Então certamente vai estar sim, com certeza”.

Luzia por outro lado diz que:

“Sim. Ela [a minha crença] respinga nas pessoas por meio das minhas ações cotidianas.”

Para Leandra:

“Às vezes não. Às vezes as minhas ações... eu falo uma coisa, digo que creio, mas as minhas ações elas não testificam isso. E daí a necessidade deste acerto, de ser coerente. De analisar minhas ações si condizem com aquilo que eu creio. E aquilo que eu creio também pode está equivocado”.

O entrevistado Gilsom, diz que:

“A certeza que eu tenho da presença de Deus na minha vida, um Deus real, um Deus vivo, de buscar e ter a resposta o sentimento a partir de quando eu me aprofundi no assunto. Anteriormente eu temia. Porque eu aprendi em relação a Deus, era temê-lo. E hoje não. Hoje eu sinto... não tenho mais medo de Deus. Eu tenho respeito por Ele e tenho uma relação com ele muito... diária mesmo. Eu não tenho dificuldade de falar com Deus eu sinto que ele me responde. Hoje me penso de que forma eu poderia agir para respeitar os ensinamentos. Buscar fórmulas que eu não seja contaminado pelo meio. Porque o meio faz com que a gente se contamine, que a gente agrida que a gente destrua, que a gente... então eu vivo buscando de que forma que eu consiga praticar os ensinamentos, praticar aquilo que as escrituras nos dizem para uma realidade moderna sem que pra isso, eu tenha que destruir, ofender, prejudicar, passar por cima de outro ou coisa parecida. Anteriormente eu não tinha esse pensamento”.

Para a sexta entrevistada, Marta:

“Eu acredito. Eu acredito também que é isso que a gente almeja, mas não cem por cento seja. Por quê? É isso que estou falando. Muitas vezes a gente conhece muito bem, não vou dizer a palavra teoria, mas a teoria do cristianismo, a teoria da fé, a gente acredita, mas a prática pode ser diferente. Então nem sempre o que você acredita ou o que você diz é o que você faz. Muitas vezes a gente sabe que essa forma de fé, ou de crença, ou de ter a percepção do respeito no tratamento com o outro, independente de quem seja você às vezes não consegue colocar em prática. Você percebe isso. Eu vejo o seguinte... eu particularmente vejo que eu tenho essa percepção e eu melhorei muito. Mas eu melhorei muito no sentido de que eu até trato as pessoas iguais ou inferiores de uma forma mais amigável e com mais cordialidade... se eu sinto que existem pessoas com os mesmos defeitos que eu ou muito mais e que não pensa desta forma, eu prefiro me afastar. Isso é fruto direto da minha crença”.

E para Joana:

“Sim. Fui criada com princípios e valores cristãos, acredito neles e que são os melhores para minha vida”

A crença num Deus transcendente é tão intensa que suas palavras são aceitas como verdade plena e passam a ser executadas sem questionamentos. Essa realidade, que para muitos não passa de uma ilusão, gera um sentimento tão significativo em suas vidas, a partir do objeto de sua crença, que faz brotar por toda sua vida ações que julgam ser coerentes com aquilo que acreditam. Para James (1991, p. 41),

Existe um estado de espírito, conhecido de homens religiosos, mas de ninguém mais, em que a vontade de afirmar-nos e de não ceder foi substituído pela disposição de fechar a boca e de ser um dócil instrumento nas mãos e Deus.

Para dar vazão e se fazer conhecido às boas ações, como cartão de visita daquilo que se crê, é de fundamental importância colocar em prática as diretrizes do que se crer. Nas entrelinhas percebemos o desejo de demonstrar o quanto estão satisfeitos com tal relacionamento, a saber, homem que crê e Deus como objeto da crença.

Uma vez estabelecida à ligação entre ambos, parece-me existir um tempo de maturação e esse tempo é um tempo onde àquele que crê passa a absorver os ensinamentos do ser supremo, objeto da sua crença. Esses ensinamentos não só, moldam o novo homem como também, o lança em direção ao altruísmo. Uma só voz é percebida nos discursos. Todos são impelidos no socorro daqueles que precisam de ajuda.

Uma vez abastecido da fonte primeira, que é Deus, seus seguidores desejam que outros desfrutem da mesma paz, sentimento de proteção, conforto, segurança que eles encontraram. Não me parece que eles estão em ação, a priori, pensando nos ganhos provenientes das suas boas ações. Mas como disse Mário “Quando eu sou movido a fazer determinada coisa é obvio que eu faço porque eu ganho, eu estou ganhando alguma coisa”, é um outro ganho, é o ganho de ver outros na mesma condição de estabilidade que eles vivenciam. A dor do outro os incomoda e destoa de suas crenças quando diz que todos os homens são “imagem e semelhança” do criador.

Aqui percebemos um ponto interessante quando falamos de Betesda. O discurso teológico da Betesda segue por caminhos distintos das co-irmãs evangélicas. Não que elas não tenham uma preocupação com o social, elas tem, mas na Betesda se percebe uma ênfase maior. Esse é o alvo primeiro desta comunidade. Eles acreditam que o fazer o bem, não deve ser visto como reflexo dos seus interesses pessoais, mas como uma ação direta e natural de suas crenças. O discurso de amar o outro precisa encontrar concretude na vida. A Betesda crê que as boas ações não devem ser feitas com o intuito de conquistar um tipo de passaporte para o céu, discurso amplamente aceito e colocado em pratica por outras denominações cristãs. É como se ao fazer isso,

eles tivessem um argumento muito bem solidificado, diante do criador, para justificar sua entrada no paraíso. Não é isso que eles acreditam. O que pregam e o que vivem é norteado pela certeza de um amor incondicional de Deus que não impõe condições para serem salvos. Independentemente do que façam, eles já se encontram “guardados” no Pai, seu criador e mantenedor de suas vidas. Pelo menos esse é o discurso como instituição.

Eles entendem que a comunidade é constituída com essa finalidade. Tanto que seu nome em hebraico diz que Betesda é lugar da misericórdia divina. Aquele que tem leia-se, não apenas recursos materiais, mas também, sua profissão, como eles falam, seus dons e talentos devem ser colocados à disposição da comunidade, quer seja sujeitos internos ou não, para que outros possam se beneficiar das “bênçãos” ora conquistadas como fruto de uma relação anterior e perene com o seu criador objeto de sua crença.

Parar Clifford (2010, p.135) “Nem há na verdade sequer uma crença que não tenha influência sobre as ações de quem crê”. Toda é qualquer crença gera ações, quer sejam elas boas ou não. Continua Clifford (2010, p. 135) “Pois não é possível separar a crença e a ação por ela produzida de uma forma que se condene a segunda, sem se condenar a primeira”.

Nenhuma crença, por mais banal e fragmentária que possa parecer, é realmente insignificante; ela nos prepara para receber mais crenças assemelhadas, confirma aquelas a que antes se assemelhava, e enfraquece outras; e, assim, estabelece uma tendência furtiva nos nossos pensamentos, que algum dia podem, como numa explosão, manifestar-se em ações visíveis, e para sempre deixar seu selo sobre nosso caráter. (Clifford, 2010. p. 135)

Nossa quinta, e última, pergunta busca entender de forma mais racional, a afirmativa do crer em Deus. Diferentemente da pergunta 2, que tivemos uma resposta mais passional. Nosso desejo é perceber se a crença navega por uma dimensão também racional.

## **Pergunta 5**

### **O que na verdade você quer dizer quando afirma crer em Deus?**

Segundo Mário:

“É uma pergunta complexa demais... poderia usar diversos jargões... é muito complexo... e como é algo muito individual a forma de que quando digo que eu acredito em Deus eu estou dizendo o seguinte...

Deus criou a terra, a natureza e criou o homem e como sou descendente desse homem então consequentemente ele me criou e que ele me ama, sofre comigo, quando estou sofrendo, se alegra comigo e ele é quem transmite paz ao meu coração. Então essa fé em Deus ela, pra mensurar e tentar trazer algo que seja convincente é muito difícil, eu diria que é quase impossível. Porque é uma atitude. Inexplicável até. Mas é uma atitude, até porque alguém pode chegar e dizer assim: eu não acredito na existência de Deus e ter uma vida igual a minha. Muito parecida, muito semelhante. Mas pelo fato das experiências com Deus na minha vida, que atribuo a Deus, então isso é que faz com que eu decida acreditar que Deus existe. Essa resposta não é tão simples assim não. Até porque é algo muito individual. Então tudo que eu tentar explicar pode ser que por mais que eu procure explicações alguém pode chegar e dizer que tudo isso não faz o menor sentido. E pra ela não faz mesmo não. Mas pra mim faz todo sentido, porque a fé é individual e não tem como mensurar uma maior que a outra ou eu não acredito nessa sua fé, bom, porque ela é individual, é uma decisão... uns decidem acreditar outros não... uns decidem atribuir todas as coisas ao transcendente outros não... e aí o que vejo também é o seguinte... se tirassem Deus da vida das pessoas, as pessoas não tivessem essa fé em Deus, a partir de agora não existe mais Deus e conseguissem provar isso, primeiro, jamais conseguiriam provar isso, com certeza, seria o apocalipse, seria o fim do mundo. porque certamente esse cuidado baseado naquilo que Deus ensina, que Jesus ensina, que faz com que esse mundo, ruim como consideramos hoje que é habitável, que as pessoas conseguem sobreviver.”

Já segundo Maria:

“Vamos dizer que... se eu pensar num prédio, num edifício, o eixo principal deste edifício, a mola mestra de uma estrutura, seria esse principio de acreditar em Deus. Eu acho que a partir desta crença, neste divino, a partir desta crença neste Deus, que eu creio, que está ao meu lado em todos os instantes, que é aquele que eu posso sentir apoio, onde posso sentir afago, onde eu posso saber que mesmo na minha humanidade falha e finita existe um ser que é divino, que é superior, que é transcendente e que pode estar comigo em qualquer instante, em todos os instantes da minha vida, alegre, triste, enfim, e acreditar neste divino, neste transcendente eu acho que é esse eixo principal, essa mola mestra da minha vida. Porque a partir daí é que a todos os desdobramentos em relação a tudo e um dia eu encontro forças, onde encontro guarida, onde eu encontro a essência da minha vida, eu diria, que acreditar em Deus seria a essência da minha vida. E a partir daí é o principio de tudo. A partir daí vem todo os outros desdobramentos”.

Luzia disse que:

“Acreditar que existe um ser, ter certeza que tem um ser, em outro plano, numa outra esfera e que esse Deus Ele tem uma dimensão de ser independente e tudo mais, mas é um ser que não é humano”.

Para Leandra:

“Eu creio em Deus por vários motivos. Ele se revelou a mim, como eu falei, pelas experiências. Depois eu participei de uma coletividade onde eu vi várias vozes que foram amadurecendo minha fé e Ele foi... e essas experiências continuaram. Então se eu digo: hoje eu creio em

Deus é porque foram vários anos de caminhar com Ele e procurar vivenciar Ele. Não foi uma coisa do dia para o outro. Foi um contínuo. Um amadurecimento. Na realidade quando diz assim: creio em Deus... o que eu entendo é: ter um relacionamento com Deus. Relacionamento é esse um contato diário, essa vivência diária onde Deus se manifesta de diversas formas, de diversas maneiras e onde algumas vezes eu escuto, percebo, outras não e assim vou amadurecendo... esse relacionamento”.

O quinto entrevistado Gilsom:

“Eu quero dizer o seguinte... que esse Deus Ele é presente, Ele é a minha... o meu seguimento de vida. Então quando falo... que eu quero dizer quando falo que eu creio em Deus... que existe um Deus que me apara, me conforta, que me baliza e que me facilita, ou que me abre os caminhos para as decisões que a gente tem que tomar. E que... uma das coisas que eu vejo é o seguinte... faz-me ser muito mais responsável pelo outro, me faz ser muito mais responsável socialmente.”

Já para a sexta entrevistada, Marta,

“É exatamente essas coisas que já disse. Da vida, a esperança que você falou na outra pergunta, por exemplo. Ela está no seguinte... ela vem junto da crença em Deus. De você ter a esperança que você vai melhorar, do que você acredita, do que você conhece, e do que você busca dentro da sua religiosidade, dentro da sua crença, de melhora quanto ser humano. De atitude, de perseverança quanto a você querer fazer algo pelo outro, por você mesmo, num primeiro momento. Precisa perseverar nisso. E aí a crença ela vem muito forte, porque se você tem uma crença, se você acredita em Deus você vai se fortalecer de alguma forma ou da forma que você achar adequado pra você realizar as coisas, num primeiro momento, boas, principalmente para sua vida. E a partir daí o desdobramento é automático em relação aos outros. Então quando afirmo que eu creio em Deus é exatamente na minha vida tudo que eu aprendi e o que eu vivi... eu me sinto fortalecida. Apesar de passar algumas coisas que a gente tem normal da vida de todo mundo”.

E para Joana:

“Que eu creio na pessoa que Ele é, na Sua verdade, no Seu perdão, no bem que Ele quer para a humanidade, no Seu amor incondicional para com todos, na Sua misericórdia e compaixão infinitas”.

Quando expostas, as falas a respeito da crença religiosa, tem-se a impressão que a externalização daquilo que é puramente empírico encontra certo grau de dificuldade para a razão.

Segundo James (1991, p. 55)

Tal é a imaginação ontológica humana, e tal é o poder da convicção do que ela cria. Seres irretratáveis são concebidos, e concebidos com uma intensidade quase igual à de uma alucinação. Eles determinam nossa atitude vital da forma tão decisiva quanto a atitude vital das pessoas que se amam é determinada pelo sentido habitual, que obseda cada uma delas, da presença da outra no mundo. Quem ama



tem notoriamente esse sentido da existência continuada do seu ídolo, até quando sua atenção é dirigida para outros assuntos e ele já não lhe figura os traços. Mas não pode esquecê-la, pois ela o afeta ininterruptamente e inteiramente.

Essas experiências são vivas para os que as vivenciam, quer sejam diretas ou não, pelo simples fato de ser um tipo de verdade diferente da pregada pelo racionalismo.

No racionalismo encontramos, pelo menos, quatro bases para termos uma verdade. Destacamos em primeiro lugar – Princípios abstratos definitivamente constáveis; Segundo – Fatos de sensação definidos; Terceiro – hipóteses definidas baseadas nesses fatos; e, por último – inferências definidas deduzidas logicamente umas das outras. Fica clara a dificuldade em harmonizar a crença religiosa a partir das exigências racionalistas.

A única verdade que navega por ambas é o fato de que “na esfera metafísica e religiosa, as razões definíveis só são irresistíveis para nós quando nossos sentimentos indefiníveis da realidade já foram impressionados em favor da mesma conclusão” (JAMES, 2010, p.56). Se não houver um declinar de armas de ambos os lados, a aproximação daquele que desconhece o objeto de crença daquele que diz conhecer na sua profundidade, torna difícil o acesso e quiçá, o diálogo.

Existem dois caminhos a serem percorridos. O primeiro, a busca pela verdade essa é legítima e de direito de todo homem. E a segunda, é na busca deste conhecimento, evitar o erro. Não se deve não buscar por medo de errar. Conclui James (2010. p. 61) “A liberdade de acreditar só pode abranger opções vivas que o intelecto do indivíduo não pode resolver por si; e as opções vivas nunca parecem absurdas a quem as tem em consideração”.

A razão não é descartada por eles no processo da crença. Ela, a razão, ocupa o espaço que traz sustentabilidade, equilíbrio evitando com isso uma alienação. A racionalidade permite questionar limites, nem tudo que a expressão religiosa expõe deve ser vista e aceita de forma literal. Por mais subjetiva que a fé seja a razão exerce um papel fundamental na estruturação da crença. Evita um distanciamento da realidade. Neste processo, o que crê, encontra parâmetros que alertam para possíveis equívocos, minimizando erros.

Portanto, a razão tem um papel fundamental quando se trata de crença. Não devemos esquecer que, para se crer, é necessário pesar as hipóteses primeiramente que lhe são ofertadas, eis o exercício racional da fé.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após verificarmos que a crença religiosa, apesar das mudanças consideráveis na história mantém-se viva, percebemos que ela exerce um papel de grande significado na sociedade ainda que as certezas que a sustentam sejam objeto de profundo questionamento.

Como vimos, a modernidade carrega consigo uma forte exaltação do ser como indivíduo. Essa marca produz um tipo de pessoa que não se permite olhar ao redor e ver que existe um mundo para além do seu. Mundo esse que se mostra complacente com os desejos pessoais mais intensos e cada vez mais privado. O oposto que prega a religião e sua crença numa vida altruísta, despojada de centralidade egocêntrica.

Esse mundo externo ao eu moderno nem sempre responde de forma positiva e uniforme. Isso acaba gerando uma necessidade intervencionista daqueles que, de alguma forma, conseguiram galgar patamares mais estáveis.

Diante deste cenário, é que entra o agente religioso e os reflexos da sua crença. Por mais que o discurso da obrigatoriedade do auxílio a esses, menos favorecidos, sejam direcionados aos poderes políticos, e assim devem ser, porque se paga os impostos com essa finalidade, a complexidade desta relação, estado-cidadão, deve ser percebida e levada em consideração.

O agente religioso da Igreja Betesda entra nesta lacuna e age a partir daquilo que ele crê, a crença produz uma ação em reação ao que ela, a crença, se opõe. Todos devem ser alvos de uma vida digna, afirma a fé no divino. E aqueles que professam a crença neste ser acreditam que podem viabilizar tal transformação. Não são poucos os que se empenham, quando convocados, oficialmente ou não, diante das mazelas da vida, no socorro a esses que na ausência do Estado e por forças maiores tem suas vidas condenadas a extinção.

O papel da religião, na contra mão da modernidade, busca extrair do homem aquilo que ele vem perdendo que é a humanização coletiva. O homem não deve ser o lobo do homem e sim encontrar, no próprio homem, a ponte para restauração de sua condição humana digna. A crença é capaz de gerar pessoas que passam a encontrar sentido em suas vidas a partir do sentindo

que encontraram na sua expressão de fé. “O amor é uma alegria que a ideia de uma causa externa acompanha” como afirma Espinosa (*apud* COMTE-SPONVILLE, 2007, p.190)

Não quero, com essa afirmação, sugerir que as boas ações são patenteadas apenas a esses agentes. Não! Mas não temos como negar que a crença em um transcendente, qualquer que seja ele, no caso estamos abordando a crença cristã protestante, produz ações positivas, primeiramente para quem crê e secundariamente aqueles que recebem feixes desta crença. Isso é bem percebido em nossas entrevistas.

A crença tem o poder de transformar as pessoas, aquilo que James define como "*luminosidade imediata*". Segundo James, quando essa crença tem algum significado para aquele que crê ela passa a ser legítima e verdadeira.

Nas conversas que tivemos, como fruto de nossas pesquisas e aqui, vale ressaltar que, não temos como afirmar a existência, ou não, do objeto da crença por parte daquele que crê, portanto temos essa possibilidade viva para ambos os interessados, podemos perceber em suas falas um grau elevadíssimo de mudanças em suas vidas, sempre na diretiva para ser tornar uma pessoa melhor.

Atitudes, antes reprovadas, que não encontravam um questionamento com a finalidade de uma correção de postura encontrou, na crença, a clareza e determinação para as mudanças que se faziam necessárias para um melhor convívio em sociedade ou no trato privado familiar.

Clarificamos a partir de nossas pesquisas, que o medo de errar, pela falta de evidências comprobatórias no exercício da fé, é algo que inexistente. O maior erro é o erro do não colocar em prática as diretrizes que dão sentido a sua crença.

Em nossas pesquisas encontramos casos em que a crença produziu mudanças tão significativas que anos sem essas novas certezas não lograram êxito.

A crença para esses, foram a salvação de suas vidas. Outro dado importante que precisa ser lembrado são os processos de curas.

Em inúmeros casos a crença produziu alterações, para melhor, em seus quadros clínicos. Algumas pesquisas apontam que o crer pode gerar no

sistema imunológico uma reação às enfermidades do corpo. Relatado vastamente por James em seus "*documents humanis*". De fato, ainda que amplamente questionado, mas também aceito como objeto de estudo pelos inúmeros casos de melhoras sem uma explicação científica, a crença não deve ser submetida a uma esfera de discussão divergente da sua. Estamos falando de algo subjetivo e, portanto de difícil questionamento.

Ao perguntar aos entrevistados o papel da crença em Deus em suas vidas e as suas reverberações constatamos que as sustentabilidades dos seus argumentos se dão por suas experiências pessoais. A leitura que devemos fazer, a partir desta constatação, é que a crença religiosa não deve ser questionada pelos mesmos argumentos que a ciência moderna exige. Seria ilegítimo colocá-la diante das mesmas exigências. Fica claro que a questão da crença é uma questão de foro íntimo e por mais que se tente negar, questionar, as experiências pessoais falam mais alto para àqueles que creem e que são frutos desta crença. A legitimidade se encontra no próprio fundamento da fé.

Que fique claro que não estamos com isso blindando ou argumentando para algo que não se deva ser alvo de discussão. No nosso entender, tudo deve ser questionado, mas legitimamente questionado. Ninguém pode julgar o Tênis pelas regras do Futebol, a Natação pelas regras do Vôlei. É isso que sugerimos. A discussão precisa adentrar na esfera que lhe permite construir argumentos sólidos suficientes para tal questionamento.

O que deve ficar como conclusão de nossa pesquisa é a positividade que encontramos da crença na vida daqueles que crer.

A crença tem o poder de ditar a conduta do crente frente às questões morais, emocionais e práticas. No mundo atual, globalizado onde os acontecimentos, por mais distante que ocorram, produzem reverberações para todos. O papel desses agentes religiosos, que colocam em ação sua crença, visando o bem coletivo, é de uma importância fundamental.

Ações pelo mundo para amenizar a dor do semelhante, só são possíveis, porque existem pessoas que acreditam na força que alguns chamam de Deus, Buda, Sol, Lua, Terra, Mar ou, até mesmo, àqueles que acreditam não no ser superior, mas em algo que se limitam a chamar de amor. A crença exerce um papel importante no tocante à mobilização e num universo de bilhões de pessoas que se interagem, não temos como negar sua legitimidade.

Por fim, acreditar em algo de difícil comprovação, não torna esse algo mesmo valioso. Como a Beleza Abstrata de Platão que nos aponta que para chegar-se à essência da Beleza Abstrata outras belezas devem ser contempladas e no afã das certezas, muitas vezes, deixamos de perceber que estamos diante de algo maior e mais denso que nossa razão pode conceber. Somente nos propondo a seguir com novas pesquisas poderemos perceber detalhes que passaram despercebidos neste trabalho para uma melhor compreensão da crença religiosa e suas ações.

## REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.

BROCHARD, Victor. **Sobre o erro**. Tradução Regina Schopke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo**: introdução a uma espiritualidade sem Deus. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

FURTADO, Maria Rita. **Uma Discussão Acerca do Conceito de Crença**. 2011. 62fls. Dissertação de Mestrado. Programa em Teoria da Literatura. Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras –. Lisboa, Portugal.

GIUMBELLI, Emerson. **A noção de crença e suas implicações para a modernidade**: Um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. In: II Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (UFMG, Belo Horizonte, 2009). Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2011, ano 17, n. 35, p. 327-356.

GONDIM, Ricardo. **Possibilidade para a fé cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

GONDIM, Ricardo. **Missão Integral**: Em busca de uma identidade evangélica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NIEBUHR, Richard R. **“William James acerca da experiência religiosa”**. JAMES, William e PUTNAM, Ruth Anna (org.). Tradução de André Oides. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

JAMES, William “**A vontade de acreditar**”. MURCHO, Desidério (org.) A ética da crença. Tradução Vitor Guerreiro. Lisboa: Bizâncio, 2010.

MINOIS, Georges. **História do ateísmo**: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MURCHO, Desidério (Org). **A Ética da crença**: W.K. Clifford, William James e Alvin Plantinga. Tradução Vitor Guerreiro. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2010.

PLANTINGA, Alvin. “**Será a crença Em deus apropriadamente básica?**”. MURCHO, Desidério (org.) A ética da crença. Tradução Vitor Guerreiro. Lisboa: Bizâncio, 2010.

SMILDE, David. **Razão para crer**: agência cultural no movimento evangélico latino-americano. Tradução Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2012.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1998.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. Tradução Nélio Schneider e Luzia Araújo. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2010.

TAYLOR, Charles. **Imaginários Sociais Modernos**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Editora Pilares, 2010.

VEYNE, Paul. **Os gregos acreditavam em seus mitos?** Ensaio sobre a imaginação constituinte. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014.